

Arquidiocese de Niterói  
Paroquia Nossa Senhora da Assunção  
Cristologia – Pe. Marcelo Chelles – 6ª Aula

## 2. HISTÓRIA DO DOGMA - OS DOIS PRIMEIROS SÉCULOS

A partir de agora passamos a considerar o entendimento dado por parte dos escritores mais antigos da Igreja. Eles são de fundamental importância por dois motivos: 1º) estavam muito próximos da geração dos Apóstolos e dos primeiros discípulos, dos quais deviam ser autênticos intérpretes; 2º) contribuíram para elaborar as fórmulas teológicas diante dos debates teológicos, que deram ocasião aos sete primeiros Concílios Ecumênicos<sup>1</sup>.

Começemos por estudar os escritos pré-nicenos ou anteriores ao Concílio de Nicéia I (325).

### Lição 1: Os Padres Apostólicos

#### 1.1. Generalidades

Chamam-se “Padres Apostólicos” aqueles escritores que sucederam imediatamente aos Apóstolos, tendo talvez conhecido um ou outro Apóstolo: São Clemente de Roma († 100 aproximadamente), S. Inácio de Antioquia (†107), o pseudo-Barnabé (início do séc. II), a Didaqué (séc. I/II), o Pastor de Hermas (séc. II)...<sup>2</sup>

No tocante à Cristologia, tiveram que enfrentar algumas tentativas errôneas de conceber o Mistério da Encarnação. A noção de Deus feito homem era tão surpreendente para os antigos que, em suas propostas de formulação, tendiam a negar ou a plena humanidade de Jesus ou a sua Divindade. A dificuldade era aumentada pelo fato de que um certo dualismo, herdado do pensamento grego, repudiava a matéria como algo de mau em si mesmo. Daí a pergunta: como pode ter Deus assumido a carne humana, com tudo o que ela tem de fragilidade (sofrimentos, fome, sede, morte...)? — Na base destas premissas, havia quem propusesse:

— **o docetismo:** Deus Filho teria assumido uma humanidade apenas aparente (**dokéo**=parecer em grego); não teria sido verdadeiro homem. Assim julgavam muitos evitar o “escândalo” da Encarnação. Nos escritos

do Novo Testamento já se percebe a impugnação do docetismo tal como era proposto por Cerinto; cf. 1Jo 4,2s; 2Jo 7; CI 2,9...;

— **o ebionismo...** Situa-se no polo oposto. Esta corrente é de origem judaica e queria a todo preço ressaltar o monoteísmo. Por isto afirma que Jesus foi mero homem, sobre o qual desceu a força de Deus por ocasião do Batismo. Terá sido um profeta, reformador da Lei de Moisés, para reconduzi-la à sua pureza original.

A sua missão haverá consistido apenas em ensinar. Os ebionitas eram radicalmente antitrinitários, como foram muitos dos que rejeitaram o mistério da Encarnação.

Consideremos em particular

### **1.2. S. Inácio de Antioquia (†107)**

Bispo ardoroso, foi levado da Síria para Roma, a fim de ser lançado às feras no Coliseu. Durante a viagem escreveu às comunidades perto das quais passava e que lhe mandavam delegados. — Em sua Cristologia, insiste muito na verdadeira humanidade de Jesus: “Fazei-vos de surdos quando alguém vos vier com discursos que não falam de Jesus Cristo descendente da estirpe de Davi filho de Maria, que realmentê nasceu, comeu e bebeu; foi realmente perseguido sob Pôncio Pilatos, foi realmente crucificado e morreu... realmente ressuscitou dos mortos”(Aos **Tralianos** 9,1s). Cf. **Aos Esmirnenses** 4,2; 5,2.

Todavia Inácio não deixa de acentuar também a Divindade de Jesus, apresentando binômios que conjugam o divino e o humano:

*“Aguarda Aquele que paira acima dos eventos mesquinhos, o Deus que apareceu na carne, o Atemporal, o Invisível, que por nossa causa se fez visível, O Impalpável, o Impassível, que por nós se fez passível. Aquele que na morte deu-nos vida verdadeira” (A S. Policarpo 3,2)*

Como se vê, S. Inácio professa tanto o fato da Encarnação verdadeira (“Deus que apareceu na carne”) quanto a obra salvífica de Jesus, que morreu para nos dar a vida: “na morte vida verdadeira”, “primeiramente

capaz de sofrer, depois impassível”. — Com muita nitidez, portanto, já nos primeiros decênios do Cristianismo o mistério de Cristo “Deus e homem” é professado. Os autores subseqüentes o desenvolveram ulteriormente.

## Lição 2: O século II

Além do docetismo, outra corrente de pensamento se projetou nessa época foi o **gnosticismo**. Este resultava da fusão de elementos da filosofia grega com a mística oriental. Valorizava exageradamente o conhecimento (gnôsis) como fator de salvação. Na base do sistema estava o dualismo, que admitia dois princípios absolutos: um bom, e outro mau. Daí a oposição entre a Divindade (boa) e o mundo material (plasmado por um demiurgo mau), entre a alma e o corpo. Como se compreende, uma falsa noção do que vem a ser o homem redundava conseqüentemente numa errônea concepção da Encarnação.

São dois os principais escritores dessa época:

### 2.1. São Justino († 165 aproximadamente)

Nasceu na Palestina, de pais pagãos, e freqüentou várias escolas de filosofia da época, terminando no platonismo, donde passou para o Cristianismo. Dizia ter encontrado no Evangelho a verdadeira sabedoria.

Não desenvolveu propriamente uma Cristologia. Deteve-se no conceito de Logos (Palavra), que a filosofia grega muito estimava, identificando o Logos com Jesus Cristo, como faz S. João (1,14). O Logos de Deus já se manifestava no Antigo Testamento, preparando o mistério da Encarnação, como também se manifestava em todas as afirmações verídicas dos filósofos pagãos. O texto mais significativo é o da **2ª Apologia** c. 13,3-4: *“Tudo o que de bom disseram e acharam os filósofos e legisladores, foi por eles elaborado segundo a participação que tiveram no Verbo, pela investigação e a intuição. Mas, como não conheceram o Verbo inteiro, que é Cristo, contradisseram uns aos outros com freqüência.*

*Aqueles que, antes de Cristo, tentaram — na medida de suas forças humanas — investigar e demonstrar as coisas de modo conforme ao Verbo, foram levados aos tribunais como ímpios e amigos de novidades. Aquele que mais se empenhou, Sócrates, foi acusado dos mesmos crimes que nós, pois diziam que introduzia novos deuses, por não reconhecer os que a cidade cultuava.*

S. Justino reconhece também o valor salvífico da morte de Cristo, quando escreve:

*“Jesus Cristo dedicou-se a servir-nos até a Cruz, aceita em favor dos homens, que ele adquiriu com o preço do seu sangue”* (**Diálogo com Trifão** c. 134).

Todavia S. Justino teve dificuldades para compreender a relação entre o Pai e o Filho na SS. Trindade. Cedeu, com outros escritores de sua época, a uma falha tentativa de explicação, subordinando, de algum modo, o Filho ao Pai (tal era a única maneira de salvar o monoteísmo, para esses escritores antigos, pré-nicenos). Assim S. Justino fala de Jesus como “o segundo Deus e Senhor, abaixo do Criador do universo”, seu Filho e Servo, que “nasceu da Virgem e se fez homem, e é, como todos, passível” (Diálogo 56,4; 57,3).

Não se pode tachar de heresia essa afirmação, pois no século II ainda não havia pronunciamento do magistério da Igreja sobre a relação entre Pai e Filho na SS. Trindade. Os pensadores se esforçavam por conciliar entre si a unidade da natureza divina e a trindade das pessoas.

## **2.2. Santo Ireneu (†202 aproximadamente)**

Discípulo de S. Policarpo em Esmirna (Ásia Menor), que foi discípulo de S. João Apóstolo, Ireneu passou para a Gália (este era o nome romano dado, na Antiguidade, para as terras dos celtas na Europa ocidental. Ela compreende o atual território da França, algumas partes da Bélgica e da Alemanha e o Norte de Itália), tornando-se bispo em Lião. Por seus escritos, é o grande opositor do gnosticismo no século II, o que repercute na sua Cristologia.

S. Ireneu tem como característica doutrinária o tema paulino da recapitulação de todas as coisas em Cristo (cf. Ef 1,10). Este conceito implica “reunir todas as criaturas sob um só chefe ou uma só cabeça (caput), Cristo”. Tal noção é importante para S. Ireneu, porque lhe serve para combater o gnosticismo, que admitia diversos senhores e diversos

regimes na história da humanidade: o Antigo Testamento teria sido dominado por um Senhor mau, ao passo que o Novo Testamento estaria sob um bom Senhor. Eis um dos textos mais significativos:

“Há um só Deus Pai e um só Cristo Jesus nosso Senhor, que veio através de toda a economia (Economia é palavra técnica, que no caso significa ‘dispensação da graça’ S. Ireneu quer dizer que Cristo já estava presente nas etapas de salvação do Antigo Testamento como Ministro do Pai — o que equivale aos dizeres bíblicos: “Cristo ontem, hoje e para a eternidade” - Hb 13,8), e recapitulou em si todas as coisas. Entre todas as coisas está também o homem, plasmado por Deus. Por conseguinte, Ele recapitulou também o homem em si mesmo, tornando-se visível, Ele que é invisível, compreensível, Ele que é incompreensível, e homem, Ele que é Verbo. Assim recapitulou todas as coisas em si mesmo, a fim de que, como o Verbo de Deus tem o primado sobre os seres supracelestes, espirituais e invisíveis, tenha também o primado sobre os seres visíveis e corpóreos e, tomando sobre si o primado e colocando-se como chefe da Igreja, atraía a si todas as coisas no tempo oportuno” (Contra as Heresias III 16,6).

Mas, além do problema do gnosticismo, a heresia do docetismo continuava a conturbar as opiniões; assim, contra qualquer tipo de docetismo e dualismo, Ireneu incute o valor salvífico da encarnação do Verbo:

“Cristo é salvação porque é carne” (ib. III 10,3).

Foi mediante a carne que pecou, que Deus, quis restaurar o homem na sua amizade; o instrumento da morte tornou-se o instrumento da vitória sobre a morte:

“Como pela desobediência de um homem feito da terra vil muitos se tornaram pecadores e perderam a vida, assim era preciso que pela obediência de um homem nascido de mulher virgem muitos fossem justificados e recebessem a salvação” (ib. III 18,7).

A Encarnação fundamenta o intercâmbio entre Deus e os homens:

“O Verbo de Deus se fez homem, para que o homem receba a filiação divina... Pois, como poderíamos participar da eternidade e imortalidade, se, antes, não se tivesse feito como nós o Eterno e Imortal, de modo que nossa corruptibilidade fosse absoivída por sua íncorruptibílidade, e nossa mortalidade por sua imortalidade?” (ib. III 19,1).

Veja abaixo, um texto gnóstico recém-descoberto no Egito:

“Não experimentei nenhum sofrimento. Os que estavam lá, me condenaram (à morte), mas na realidade eu não morri senão (apenas) em aparência; do contrário, eu teria ficado envergonhado... É (somente) aos olhos deles e de acordo com o seu pensamento que eu sofri..., esta minha morte... No seu erro e na sua cegueira pregaram (à cruz) o homem deles, e, assim, o entregaram à morte. E seus pensamentos não me viram; estavam surdos e cegos... Não eu, mas o pai deles foi quem bebeu o fel e vinagre. Não fui eu que apanhei com a cana. Foi um outro que levou a cruz. Foi um outro aquele em cuja cabeça foi posta a coroa de espinhos. Eu, nas alturas, me divertia... Eu ria da ignorância deles” (Fragmento descoberto em Nag-Hammadino Egito em 1946; **Segundo Discurso do Grande Set**).

A Cristologia de S. Ireneu é mais evoluída do que a de S. Justino, assinalando assim o desenvolvimento da reflexão teológica na Igreja antiga.